

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria Benvinda Pereira

registada em 2008-09-26
por

Cláudia Simões e Hugo Pereira

Maria Benvinda Pereira

Maria Benvinda Pereira nasceu na Fórnea em 1922. O pai era Alfredo Pereira e a mãe era Ana da Conceição. Trabalhavam na agricultura. “Cultivavam terras deles e terras dos outros.” Criaram seis filhos. Maria Benvinda era a mais velha. Ainda pequena começou a ir para as cabras. De manhã trabalhavam na agricultura e de tarde ia com o gado, levar a pastar. Nunca foi à escola. Mas diz deixar aos filhos a melhor prenda, todos eles estudaram. Maria Benvinda nunca foi para fora trabalhar, ficou sempre em Chãs d'Égua. Cultivava terrenos para criar os filhos.

Índice

Identificação Maria Benvinda Pereira.....	4
Ascendência Alfredo Pereira e Ana da Conceição.....	4
Infância Uma infância com mais trabalho que brincadeiras.....	5
Educação "Eu é que nunca fui à escola".....	6
Casa "Dormiam aos três em cada quarto".....	6
Religião "A gente ensinou-lhes bons caminhos".....	7
Descendência "Deixei melhor prenda aos meus filhos".....	8
Percurso profissional "Cultivava terrenos aí dos outros".....	8
Costumes Momentos de alegria.....	8
Lugar Como é que se vivia antigamente?.....	10

Identificação *Maria Benvinda Pereira*



Maria Benvinda Pereira e marido nos Barreiros (década de 80)

Chamo-me Maria Benvinda Pereira. Nasci na Fórnea em 1922.

Ascendência *Alfredo Pereira e Ana da Conceição*

O meu pai era Alfredo Pereira e a minha mãe era Ana da Conceição.

Os meus pais trabalhavam na agricultura, também. Nunca tiveram outro trabalho. Era só na agricultura. Cultivavam terras deles e terras dos outros. Era milho, feijão e batatas.

Matava-se um porquito. Durava para todo o ano. E da cabrada ainda vendíamos os queijos. Íamos ali, chamavam Cebola, agora é Aldeia de São Francisco, e íamos lá vender os queijos. Era a trabalhar sempre. Até os filhos se irem orientando. Somos seis irmãos. Também viveram mal. No princípio da vida a gente viveu mal.

Fazíamos o queijo da cabrada. A gente fazia com os acinchos, com a mão. Púnhamos lá a coalhada. Comprava-se o coalho por modo de se fazerem os

queijos. Coalhávamos o leite e depois fazíamos os queijos. Era como a gente fazia os queijos. A gente comia, mas vendia também, para se ir orientando a vida. A gente comia o soro dos queijos e comíamos da agricultura. Era broa, feijão e batata.

Infância *Uma infância com mais trabalho que brincadeiras*

"Eu comecei pequena a ir para as cabras"

Os meus pais ensinaram-nos era a trabalhar. Começávamos logo de pequenos. Eu era a mais velha. Claro que era preciso, às vezes, a gente ir fazendo alguma coisa para ajudar a criar os mais novos. Eu comecei pequena a ir para as cabras. Da parte da manhã trabalhávamos na agricultura, depois de tarde é que a gente ia com o gado, levar a pastar. Íamos ao mato para o estrume para elas. Se era preciso fazer alguma coisa fazíamos, se não fosse preciso almoçávamos e depois íamos para o gado.

No Verão, levávamos uma lata, a merenda e uma cabra por ordenhar para depois a gente lá comer o leite de dia. Era para ordenhar, púnhamos com água, para migar o pão para comer. Levávamos merenda e levávamos o pão, a broa. Naquele tempo, não havia pão como há agora. Levávamos era broa e depois a gente agarrava e comia com o leite. Levávamos uma colher e comíamos.

Eu era a mais velha dos meus irmãos. Ia com mais, mas eu é que andava sempre na frente. A gente ia para longe ou perto. Era conforme calhava. Às vezes, andávamos umas por um lado e outras pelo outro para ver se vinha alguma coisa para as cabras. A gente tinha que olhar pelo gado por causa dos lobos...

Havia lobos naquele tempo já. Muitos. Às vezes, víamos. A gente ia dizendo que eles vinham tirar os cabritos. Quando, as cabras pariam, às vezes, pariam duas no mesmo dia, a gente com os cabritos punha-se à tabela para modo de chegar ao curral com os cabritos. A mim não, mas a uma vizinha minha levou-lhe um cabrito. Nós andávamos lá com o gado. Já ia com ele nos dentes e a gente:

- "Larga-o! Espera lá que já vais!"

Levou-o. Ia já nos dentes dele. Quando a gente chegou a casa, que remédio tinham eles senão aguentarem-se.

"Às vezes, a gente cantava"

Eu nunca tive brinquedos. Brincava, mas era muito "ralo"¹ a gente andar na brincadeira. Fazíamos brincadeiras normais. Nós ajuntávamo-nos. As raparigas umas com as outras. Os rapazes eram outra seita.

Às vezes, lá andávamos a jogar, dizia que era a jogar umas pedras, metia pelo meio para ver quem é que ganhava. Mas era na brincadeira uns com os outros. Às vezes, a gente cantava, para o gado. Era para as cabras. Mas de resto não. Não fazíamos brincadeiras desonestas de nada. Não andávamos em maldades. Agora é uma pouca-vergonha. A gente não, não fazíamos.

Educação "*Eu é que nunca fui à escola*"

Lá não houve escola. Depois é que abriu no Porto da Balsa, mas já eu era maior. Já era de maior idade. Houve um professor que era de lá mesmo de Porto da Balsa. Os meus irmãos alguns já foram à escola eu é que nunca fui. Só uma irmã minha, que está em Folques num lar, é que também nunca foi à escola.

Queriam era que a gente trabalhasse para nos governarmos. Guardava as cabras. Da cabeça de gado que se vendia é que a gente vivia. Não fazia outro trabalho. Os meus pais naquele tempo não tinham donde viesse um tostão. Era na cabrada é que faziam alguma coisa de dinheiro. Tinha um irmão que era a seguir a mim. Ele ia então à escola. Ia todos os dias. Ao domingo e ao sábado ia para as cabras. A gente trabalhava na agricultura e assim se passou o resto da vida.

Casa "*Dormiam aos três em cada quarto*"

A casa onde a gente vivia era pequena e éramos ainda seis irmãos. Era pequena. Só tinha dois quartos. A cozinha, naquele tempo, era funda. Descia-se um degrauzito ainda para baixo. A cozinha ainda era branca.

Era à moda antiga. Já era dos meus avós. Era uma casa que lhes deixaram e depois ainda era dividida a casa por três. Nós vivíamos no andar de cima, outro vivia no andar de baixo e outro vivia ao lado. Estão umas casas boas, porque já andaram com elas e já juntaram. Mas naquele tempo vivíamos mal.

Os meus pais depois fizeram outra maiorzinha por causa de nós. Fizemos lá uma casita. Agora mais tarde, alguns já nasceram na outra casa que fizéramos ultimamente. Dormíamos mal. Uns dormiam num quarto e outros dormiam

¹raro

noutro e dormiam aos três em cada quarto. Íamos acartar a madeira ao cimo de Soito da Ruiva para lá para a Fórnea. A gente passou uma vida...



Maria Benvinda Pereira e marido nos Barreiros (década de 80)

Religião "A gente ensinou-lhes bons caminhos"

Naquele tempo, deitavam-se, às vezes, cedo. Juntavam-se as famílias e rezavam o Terço à noite antes de se irem deitar. Todos os dias. Hoje já não fazem isso. Todos os dias o rezo duas e três vezes, quando posso. Eu rezo sempre quando me vou deitar.

Havia mais religião que há hoje. Não cheguei a ir à catequese. Os meus pais é que nos ensinaram. Esse meu irmão que andou na escola, depois o padre deu-lhe o catecismo e ensinava os miúdos. Sempre ia aprendendo. Fôramos confessar e fazer a Primeira Comunhão. A Primeira Comunhão fiz. Assim como os meus filhos. Os meus filhos já tiveram, mas naquele tempo não. Cheguei a trazer os três filhos na escola juntos e na catequese. Eles foram fazer a Primeira Comunhão e foram comungar. Agora já se não importam da religião. Já se não importam de nada, mas a gente ensinou-lhes bons caminhos.

Descendência "*Deixei melhor prenda aos meus filhos*"

Os meus filhos, sabe Deus como eu me vi para modo de os criar. Deixei melhor prenda aos meus filhos que os meus pais me deixaram a mim. Os meus já estudaram todos na escola. Trouxe-os todos na escola.

Para infeliz sorte já morreram as duas filhas. Coitadinhas. Andaram na escola, sabiam bem ler e escrever, mas tivéramos a infeliz sorte. Uma há 23 anos que morreu. Essa filha está morta. Deixou-me aqui... Essa filha já tinha um filho com 12 anos. Agora vivem bem. Já estava bem, porque tinha aberto uma casa na Damaia. Tinha um estabelecimento, mas a morte quando vem não se procura ... E morreu-me outra há seis anos. Também deixou uma filha. É uma doença muito má. É uma doença muito ruim. Tenho passado uma vida...

Percurso profissional "*Cultivava terrenos aí dos outros*"

Nunca fui para fora trabalhar. Não. Fiquei sempre em Chãs d'Égua. Cultivava terrenos dos outros para modo de criar os meus filhos. Sabe Deus como se a gente via no outro tempo. Eu não tinha abonos dos filhos, não tinha nada.

Havia aí muito quem desse terra a tratar. Não pagavam nada. Ainda tinha que a gente dar alguma coisa do cultivo a eles. Tínhamos que dar qualquer coisa. O azeite apanhávamos, mas dávamos um tanto aos donos das oliveiras. A gente, por exemplo em 5 litros, dava 1 litro dele. Dávamos um tanto ao dono. Agora até já dão de graça. Ninguém apanha a azeitona. Não dá para apanhar. Eu por mim não posso. O meu filho é que tem apanhado. Era um ano para ele, outro ano para mim, o azeite. Este ano é o ano que é para mim, mas eu não posso apanhá-lo. Ele já disse para os cunhados:

- "Olha se quiseres vir ajudar a apanhar, tendes azeite..."

Eu por mim também não posso.

Costumes *Momentos de alegria*

"Matava-se um porco, durava para todo o ano"

Na matança do porco, juntava-se a família e matava-se um porco. Criava-o a gente todo o ano com o perdido e depois era a matança. Juntavam-se três ou

quatro homens e matavam-no. Havia um que o matava e dois ou três ajudavam-no a arranjar. E assim se fazia. Depois a gente ia lavar as tripas. Ao fim de lavar bem lavadas tinha-se dois ou três dias, passava-se uma data de águas. A carne migava-se. Estava temperada e depois enchia-se. Faziam chouriças. Os presuntos ainda os vendiam para modo de comprarem outro para outro ano. O outro resto, iam comendo. Partiam-se aos bocadinhos por modo de irmos comendo durante o ano.

Matava-se um porco, durava para todo o ano. Salgavam numa salgadeira, numa arca. Botavam-lhe bastante sal e guardavam o enchido. Punham numa panela e compravam o óleo para porem lá no óleo de um ano para o outro. Para terem todo o ano. Durava até ao outro bichinho e não se estragava.

"Não havia azeite como este de vara"

Apanhar as azeitonas é com uma escadas. Estendem-se toldos por baixo. Às vezes, traziam um ganchito para modo de botar abaixo onde elas são mais altas. A ganchar. Aqui há, mas na minha terra não havia. Agora já lá há muito, mas naquele tempo não havia. A minha avó era daqui e estas oliveiras de volta da minha casa calharam à minha avó. E depois a minha mãe é que ficou. Quando partiram os meus tios ficaram à minha mãe, por isso é que agora são minhas.

Tratava terras. Algumas eram minhas, outras eram terra que tratávamos e depois a gente dava um tanto de azeite ao dono das oliveiras. Primeiro fartamos de acartar azeitona lá para baixo. Havia aqui um lagar em baixo. Íamos a pé com sacas cheias de azeitona. Às vezes com temporal e a chover. Depois íamos lá buscar o azeite. Ali na Foz d'Égua havia um lagar na ribeira. Acartei para lá muito azeite e muita azeitona. Íamos levar, não pagávamos, dávamos um quartel aos lagareiros e tirávamos um tanto. Em cada 12 litros tiravam 1 litro dele.

Não havia azeite como este de vara. Era de vara. Este de agora, das máquinas, já não é tão bom como era aquele. Mas agora o lagar fechou. Vamos aí moer à Bobadela. Ao pé de, por exemplo, Oliveira do Hospital é que vão moer agora. Vai uma camioneta, leva daqui para Tondela. O homem que leva a azeitona ganha tanto como o homem do lagar. Agora tem que a gente pagar tudo a dinheiro. Não querem o azeite. Paga a gente tudo a dinheiro.

"A barragem apanhou os moinhos"

Não há festas de colheitas nenhuma. Em Agosto é que aqui há festas. É em Agosto e pela Páscoa. Só para debulharem o milho, às vezes, é que se chamavam uns aos outros. Eu ia ajudar uma senhora, outro dia a senhora ia ajudar-me a

mim a debulhar o milho. Malhava-se com uma "escalca". Era uns a malharem e outros a "descasularem", a tirar o milho que ficava nos casulos.

Havia moinhos lá perto. Os moinhos eram da terra. Eram de lá da gente. Havia mais do que um moinho e depois ia moer. Havia três moinhos no rio. Cada um ia moer ao seu. Por exemplo, nós tínhamos um moinho era de quatro ou cinco herdeiros. Os outros também. Depois é que andavam aos dias. A gente ia moer no dia que era nosso.

No Inverno era lá os moinhos ao pé de casa, perto de casa, e depois de Verão era no rio Ceira, que a gente ia moer o outro milho que ficava da outra parte. Depois fizeram a barragem, arrancaram os moinhos. A barragem apanhou os moinhos que eram de Verão. Só deixaram um moinho em baixo, mas eu aí já lá não fui que quando me casei foi quando taparam a barragem.

O milho era moído no moinho e depois a farinha era cozida no forno e então é que era o pão para a gente comer. Cultivava-se o centeio por aí... Cultivava-se, fazia-se cavadas e havia muito centeio. Depois misturava-se centeio na broa. Era muito boa. Era melhor que agora. O centeio na broa, na farinha do milho tornava mais macia a broa. A farinha, amassavam-na, tendiam-na numas tigelas e depois botavam ao forno. Era do que se vivia. E com a broa viviam mais tempo que vivem os de agora.

Lugar *Como é que se vivia antigamente?*

"Quem o podia beber, bebia-o"

Comia-se o que a terra dava. Comia-se broa, batatas, feijão e hortaliça. Era aquilo que a terra dava. Tinha couves, tinha alface, tinha cebolas, semeava um bocado de tudo. Quando era pequena não tinha castanhas. Aqui houve, agora já não há. Arderam os castanheiros.

Faz-se aguardente do cardaço dos medronhos. Dos medronhos e do vinho. Os medronhos, também no meu tempo haviam. E até gostava bem de os apanhar, mas agora não os há. Gostava de os depenicar. Lá havia distração. Para fazer aguardente, a gente plantava-os numa dorna, cozia-se e depois de estar mais cozido é que se fazia a aguardente. Depois vendia-se. Não a bebiam, vendia-se. Agora não há nada. Arderam.

O vinho, bebia-se. Quem o podia beber, bebia-o. As vindimas ainda há agora. Ainda hoje se faz, quem tem. Eu ainda vindimo. Corto os cachos e trago para casa. Agora, temos os esmagadores, mas no outro tempo esmagávamos com os pés. A esmagadora é uma coisa boa. Não era preciso muita gente. Às vezes,

ajudavam-se uns aos outros. Era com os pés. Coitados, não havia alegria para cantarem como há agora. Não havia alegrias. Havia pouco vinho já no outro tempo. Cá há poucos cachos é só nos cômoros. E agora arderam. Está tudo queimado. Ardeu tudo.

"Naquele tempo as raparigas não vestiam calças"

Antigamente calçava-se umas tamanquitas. A gente para vir à missa, às vezes, iam as tamancas em todo o caminho. Então perto do Piódão tirava as tamancas e calçava os sapatos para modo de ir à missa. A gente andava sempre com as tamanquinhas. Então com as cabras, o trabalho e tudo. Hoje já é outro mundo. Hoje, já anda toda a gente de sapatos.

As roupas eram como os outros dias. Camisolas está bem, agora calças nunca vestíamos. Tanto que eu nunca as vesti. Tenho umas que comprei, acho que as vesti duas ou três vezes, mas não me dou com elas. Naquele tempo as raparigas não vestiam calças. Eram só os rapazes. Agora mais tarde é que se viu as calças, mas primeiro não se usava.

Tínhamos uma roupazita melhor para modo ir à missa. Chegávamos a casa e tínhamos que a tirar para modo de ao outro domingo trazer para a missa. Vestia outra que fosse mais inferior. A roupa, tínhamos que andá-la sempre a lavar para modo de a trazer limpinha. No Inverno vestia-se mais roupa. Era umas combinações de flanela e as calças, as saias, as blusas e os casaquitos maiores.

"Os médicos não curam isto"

Antigamente não havia médicos, não havia nada. Coitados. Era às vezes com flores de sabugueiro e coisas para a constipação. Mais tarde, compravam comprimidos. Agora já há médicos. Eu tomo três comprimidos logo de manhã e depois à noite tomo outro. Até à idade de 40 e tal anos nunca tomei um comprimido. Agora é uma miséria.

Para as dores de dentes diziam que o sal era bom. Assim rebentei com os meus dentes todos, a deitar sal. Hoje não tenho dentes nenhuns. Assim rebentei com eles.

Um pé "estrutagado", cosem-nos. Agora já não há pessoas dessas, que sabiam coser. Era um púcaro com água, punham-na a ferver. Depois punham uma agulha com um pente e com umas tesouras. Punham aquilo num prato a coser e diziam assim:

- "O que é que eu coso?"
- "Carne quebrada e nervo torto."

- "Isso mesmo é que eu coso."
- "Aqui te vou São João, São Julião."

Diziam então as palavras e passava. Era só isto assim que faziam. Os médicos não curam o pé "estrutagado".

Agora vão ter os filhos à maternidade. Cá não havia médico. Não havia como há agora. Os meus tive-os cá todos em casa e não havia nada disso. Foi só a gente de cá. Mais do resto não tive nada. Não havia parteiras, não havia nada. Sabia-se como é que haviam de fazer. Eu não tive doutor nenhum, nem nada. Nem eu nem as demais. A gente matava uma galinha e comia caldos de galinha esses dias. E comíamos pão. Mandávamos vir pão de trigo e comia-se então... Depois, estavam a descansar. Mais do resto não havia nada. Mesmo nós aqui agora, só temos médico de mês a mês e quando não é ainda mais para tarde. A gente tem que se deslocar para Oliveira ou para Arganil.

O barbeiro foi já do meu tempo. Naquele tempo ainda não precisava de barbeiro. Ainda tinha saúde, graças a Deus. Esse barbeiro ainda era bom. Curava muita gente com ervas. Tinha um livro. Lia o livro. Dizia os males que tinham e ele ainda curava muita gente. Curava-se muita gente. E duravam mais que os de agora.

Quando uma pessoa morria davam parte ao Registo. Faziam o registo dessa pessoa. Ficavam em casa até às 24 horas e depois é que o traziam. No fim de fazerem o registo, ao fim de 24 horas, enterravam-no. Tinham ainda que vir com eles numa padiola. Eram uns paus. Iam os caixões numa padiola, por modo de irem para o Piódão. Quem o levava eram os da terra. Algum que podia. No Piódão é que era o cemitério da freguesia. Era lá que faziam o registo e tudo. Faziam do nascimento, de óbitos e de casamentos. Iam para lá.

"Já tenho pensado muita vez como é que os do outro tempo viviam"

Naquele tempo não havia fogões. Não havia nada. Já tenho pensado muita vez como é que os do outro tempo viviam. Não tinham fogão, não tinham frigorífico, não tinham nada. Eu hoje graças a Deus já tenho um bocadinho de tudo. Já tenho fogão, já tenho um frigorífico, até tenho também uma arca frigorífica. Já a gente vive de outra maneira que se não vivia naquele tempo.

No outro tempo não havia casas de banho, não havia nada. Íamos para as leiras. Mas não era só em minha casa. Eram todos. Era toda a gente. Não havia nada.

Quando tínhamos que ir buscar a água, íamos lá adiante ao barroco que passa por baixo. Uma vez, vinha com um cântaro de água à cabeça, cheguei ali

à porta e parti o cântaro. Fiquei sem água e sem cântaro. Não havia águas, não havia canalizações de água, não havia luz, não havia nada.

Era tudo ao lume que se fazia o comer. Tinham um caldeirão pendurado para cima. Uma panela em cima do lume e havia uma coisa para porem um tacho. Penduravam-se umas panelas em cima do lume, outras em volta do lume e assim se fazia o comer. Não era como agora. Vivia-se mal naquele tempo. Agora é outra coisa.

O Inverno era passado na cozinha, à fogueira com a lenha. As noites eram maiores, mas a gente ia para a cama. Depois sempre se aquecia na cama, tinha mais roupa. Nos Invernos, às vezes, chovia muito. No outro tempo, nevava. Uma vez até chegou lá em baixo, para cima da Vide. Não havia estrada, não havia nada. Havia lá uma calçada, chamávamos nós a Calçada do Cacilheira. Com a neve, a gente a descer a calçada tinha que ser com um pauzito. A gente encostados com o pau. Às vezes, caía aí muita. Era tão bonita. Mas agora já vai uns anos que não neva cá.